

Design, Cultura

Design indígena: a casa como território de memória e ancestralidade

Adélia Borges e Maria Fernanda Paes de Barros explicam como peças indígenas conquistam a decoração contemporânea e acrescentam novas camadas de significado ao morar

Por Milena Garcia

Publicado em 19 de abr. de 2026, 10:00

🕒 08 min de leitura



Banco Buriti, criação conjunta de Maria Fernanda Paes de Barros e Kulikyrdá Mehinaku. *(Divulgação/Divulgação)*

O **Dia dos Povos Indígenas**, celebrado neste domingo, 19 de abril, é um convite a reconhecer a diversidade das culturas originárias no Brasil e a importância de preservar suas histórias. São essas histórias que vêm ganhando força também no universo da decoração, não apenas como estética, mas como uma forma de valorizar aquilo que é essencialmente brasileiro.

Para aprofundar esse olhar, a CASACOR ouviu duas especialistas: **Adélia Borges**, jornalista, pesquisadora, historiadora e curadora adjunta no MASP, e **Maria Fernanda Paes de Barros**, designer, pesquisadora e idealizadora da Yankatu, escritório voltado ao desenvolvimento de projetos culturais e de design social. Ambas defendem que o consumo de elementos tradicionais indígenas contribui diretamente para a **valorização da identidade cultural brasileira**. Para Adélia, esse vínculo é também simbólico: “Eles nos conectam com os povos originários, são primeiros povos que estiveram aqui.”



Inclusive, uma curiosidade é que **não existe a palavra arte em nenhuma língua indígena — a arte é tão incorporada à vida que não tem nome”**.



Poltrona Ariranha, de Maria Fernanda Paes de Barros
(Divulgação/Divulgação)

Já Maria Fernanda reforça o papel desses objetos como mediadores de narrativa. “**Eu acredito muito que os objetos contam histórias.** Toda vez que você leva uma peça dessas para dentro de casa, ela pode ser um ponto de partida para conversar sobre o tema”.

O que entra em cena

Entre os elementos de influência indígena que mais aparecem nos projetos contemporâneos, as especialistas citam **cestarias e bancos** — como os reunidos na [coleção BEI](#), com mais de 500 peças de diferentes povos. Também ganham espaço as cerâmicas, as artes plumárias e os adornos pessoais, que incorporam camadas de significado aos ambientes.



Coleção BEI, bancos indígenas. *(Divulgação/Divulgação)*

Adélia chama atenção para um ponto central: não há uma única cultura indígena, mas uma **pluralidade de saberes, técnicas e matérias-primas**. “O que é muito interessante é que cada etnia tem a sua própria cultura”, destaca.

Matéria, origem e tempo

Quando pensamos nas peças de origem indígena, é comum associá-las ao uso de **materiais naturais e técnicas artesanais** — uma relação com a sustentabilidade que evidencia e reforça o valor desses produtos.



“Todos os materiais usados pelos indígenas são sustentáveis. **Eles nunca retiram mais matéria-prima do que o necessário, apenas trabalham com o que está ao seu redor.** Todas as práticas também são sustentáveis, não apenas na dimensão ambiental, mas também social e econômica”, defende Adélia.



Caminho meu, seu, nosso, de Maria Fernanda Paes de Barros. *(Divulgação/Divulgação)*

Maria Fernanda complementa ao destacar o impacto desse consumo no cotidiano, como prática contínua de escolhas conscientes. **“A partir do momento que você leva uma peça feita com sementes, por exemplo, você está colocando ela no lugar de uma de plástico.** Você está trazendo sustentabilidade para dentro da sua casa”.

Entre uso e respeito

Se, por um lado, a sustentabilidade se apresenta como um valor intrínseco a essas produções, por outro, o tema também abre espaço para uma discussão recorrente: a da **apropriação cultural**, definida como a adoção de elementos de uma cultura subordinada por membros de uma cultura dominante. Em contramão, as entrevistadas defendem que **é possível incluir peças indígenas na decoração com respeito, consciência e propósito.** “Para além de comprar, **vale procurar entender quem é, de onde vem e pesquisar mais sobre esse povo indígena em questão.** Também temos



povo indígena em questão. Também temos que pagar o preço que os artesãos pedem, não ficar regateando — afinal, o artesão vive disso”, orienta Adélia.



Balanço Kaupuna, de Maria Fernanda Paes de Barros, Kuyawalu Aweti e Kulikynda Mehinaku.



Maria Fernanda chama atenção para a importância da escuta e da informação. “Você está trazendo um pouco da cultura com você, então **exige um cuidado imenso de conversar com esses povos e entender os seus pontos de vista sobre aquilo**”.

Para ir além

Entre as referências apontadas por Adélia Borges estão os trabalhos de [Marcelo Rosenbaum](#), além dos designers da Ovo, **Luciana Martins e Gerson de Oliveira**. Já Maria Fernanda destaca criadores com quem já colaborou, como **Stive Mehinako, Deuzani Gomes dos Santos, João de Fibra**, além das artesãs e artesãos da comunidade ribeirinha de Urulhá e da aldeia Campana. Fora do design de interiores, ela também indica as criações de **Antonio Castro**, da marca Foz, reforçando a potência dessas narrativas em diferentes campos.